



A poética do sagrado e a função metafórica da linguagem religiosa

The poetics of the sacred and the metaphorical function of religious language

Donizete José Xavier*

Resumo: Este artigo visa analisar a função decisiva da metáfora na interpretação da religião, estruturando-se na abordagem poética conforme proposta por Paul Ricoeur, especialmente em seu conceito de “excesso de sentido” na obra “A Metáfora Viva”. Primeiramente, o artigo revisa a teoria da metáfora segundo Ricoeur, explorando como a poética da linguagem metafórica permite uma expansão de significado, abrindo novas dimensões de compreensão para o sagrado. Essa poética é crucial para representar realidades transcendentais que escapam à descrição literal. Em seguida, o estudo examina o uso da metáfora na religião, analisando como ela facilita o entendimento de conceitos-limite como Deus, eternidade e salvação, mantendo o mistério essencial que esses conceitos envolvem. Por fim, o artigo aborda as implicações da metáfora para as ciências da religião, argumentando que a metáfora serve como uma chave interpretativa que traduz o inefável em algo experienciável, renovando a compreensão do sagrado. Conclui-se que a metáfora, através de sua função poética, possibilita uma linguagem religiosa que não apenas comunica, mas transforma, abrindo uma via para novas vivências da fé e do sagrado.

Palavras-chave: Metáforas; sentido; sagrado; linguagem religiosa; poética.

Abstract: This article aims to analyze the decisive role of metaphor in the interpretation of religion, structured around the poetic approach proposed by Paul Ricoeur, especially in his concept of “excess of meaning” in “The Rule of Metaphor”. First, the article reviews Ricoeur's theory of metaphor, exploring how the poetics of metaphorical language enables an expansion of meaning, opening new dimensions of understanding for the sacred. This poetics is crucial for representing transcendent realities that escape literal description. The study then examines the use of metaphor within religion, analyzing how it facilitates the understanding of boundary concepts such as God, eternity, and salvation, while preserving the essential mystery these concepts entail. Finally, the article addresses the implications of metaphor for the field of religious studies, arguing that metaphor serves as an interpretive key that translates the ineffable into something experiential, renewing our understanding of the sacred. It concludes that metaphor, through its poetic function, enables a religious language that not only communicates but transforms, opening a path to new experiences of faith and the sacred.

Keywords: Metaphors; meaning; sacred; religious language; poetics.

* Doutor em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Roma, Itália. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5799683511528946> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1236-638X>

Introdução

O discurso religioso distingue-se por sua riqueza semântica, capaz de não apenas comunicar significados profundos, mas também de revelar dimensões inéditas de verdade e realidade (Ricoeur, 2001, p. 188-217). Segundo Paul Ricoeur, esse tipo de discurso transcende a mera significação, reivindicando uma pretensão à verdade que ultrapassa o caráter proposicional. Ele escreve:

A filosofia é confrontada com um discurso que tem a pretensão não apenas de ser significativo, mas de poder ser preenchido de tal forma que, por meio dele, sejam desveladas novas dimensões da realidade e da verdade. É dessa maneira que uma nova determinação da verdade se torna necessária. (1986, p. 123, tradução nossa)

Nesse contexto, a metáfora assume um papel hermenêutico central. Para Ricoeur, a metáfora não é um adorno retórico, mas uma ponte entre o mundo do texto e o do leitor, rompendo com a função referencial imediata da linguagem e desvelando novas maneiras de compreender a existência, a transcendência e o sagrado (Ricoeur, 2005a, p. 351). Por meio da metáfora viva, o discurso religioso não apenas interpreta a realidade, mas também a transforma, convidando o leitor a reconfigurar sua visão do mundo.

A presente reflexão explora como a análise metafórica, conforme proposta por Ricoeur, contribui para uma compreensão renovada do discurso religioso. Com base na concepção de que a metáfora desvela novas dimensões de sentido, este artigo investiga o discurso religioso enquanto uma linguagem que comunica e transforma a realidade humana (Ricoeur, 2005b, p. 81-87). Além disso, examina a relevância contemporânea dessa abordagem hermenêutica, especialmente no contexto da fenomenologia e das ciências da religião, como alternativa às leituras literalistas e reducionistas dos textos sagrados.

Por fim, argumenta-se que a metáfora, como mediadora de sentido, sustenta a pretensão à verdade presente no discurso religioso, conforme enfatiza Ricoeur (1986, p. 123). Assim, o discurso religioso emerge como uma forma privilegiada de acessar dimensões profundas da realidade e da verdade, instigando uma reconfiguração ética e religiosa em diálogo com o mistério do sagrado (Ricoeur, 2005b, p. 81-87).

A abordagem poética no estudo da religião

A abordagem poética no estudo da religião encontra sólida fundamentação no pensamento de Paul Ricoeur, especialmente em obras como “A metáfora viva” (2005a), a trilogia *Tempo e Narrativa* (1983-1985) e no ensaio *Posizione e funzione della metafora nel linguaggio biblico* (2005b). Ricoeur situa a linguagem no centro de sua reflexão filosófica, compreendendo-a como um meio privilegiado para expressar o excesso de sentido, ou seja, aquilo que ultrapassa as limitações da linguagem literal e linear (2005a, p. 351). Nesse horizonte, o conceito de inovação semântica assume papel central, revelando a criatividade da linguagem como potencial ontológico capaz de inaugurar novos significados e ampliar horizontes interpretativos (Henriques, 2005, p. 217).

A inovação semântica, segundo Ricoeur, consiste na capacidade de a linguagem gerar sentidos inéditos a partir de estruturas existentes, rompendo com interpretações prévias. Essa dinâmica se realiza especialmente por meio de metáforas, símbolos e narrativas (2005b, p. 76-80). A poética, nesse contexto, se torna o espaço onde sentido e referência se entrelaçam, permitindo que o indizível, como o sagrado, se torne dizível sem ser reduzido a um objeto fenomenológico (2005a, p. 211-214).

Para Ricoeur, a metáfora desempenha papel de destaque ao permitir que a linguagem transcenda seus limites convencionais, abrindo-se à interpretação. Em *Poétique et Symbolique* (1982, p. 37), ele enfatiza que a metáfora cria um novo acontecimento linguístico, articulando o indizível de maneira criativa e inovadora. Nesse processo, a metáfora funciona como uma ponte entre a experiência humana e o mistério do sagrado, revelando aspectos inauditos da realidade.

Seguindo Gadamer, Ricoeur propõe a ideia de *langagière*, ou seja, a capacidade da linguagem de trazer a experiência humana à expressão. Para ele, toda experiência humana carrega em si uma dizibilidade intrínseca, pois “solicita ser expressa” (1986, p. 69). Essa perspectiva é renovadora para a teologia e a ciência da religião, pois conecta as linguagens religiosas à história, concebendo-as como signos que o Absoluto inscreve na contingência da existência. Ricoeur observa que “o jogo da distância e da proximidade, constitutivo da conexão histórica, é o que vem à linguagem antes de ser uma produção de linguagem” (1986, p. 69).

Essa relação entre linguagem e experiência se revela essencial na tradução do inefável em formas de expressão compreensíveis. A semântica da linguagem religiosa, portanto, não apenas traduz o sagrado, mas também revela novos sentidos nas experiências humanas (2005a, p. 416-432). Como Ricoeur afirma, a linguagem poética é “uma produção de sentido e um aumento de sua capacidade de descoberta em relação a características propriamente inéditas da realidade” (1982, p. 39, tradução nossa).

A fenomenologia da religião, iluminada por essa perspectiva, explora como a linguagem poética permite que o mistério do sagrado seja interpretado e expresso. O texto sagrado, segundo Ricoeur, é um fenômeno linguístico que exige interpretação hermenêutica. Ele afirma que “existem sentimentos e atitudes que podem ser chamados religiosos e que transgridem o domínio da representação; nesse sentido, marcam a ausência de domínio do indivíduo sobre todo o império de sentido” (1996, p. 165).

Por fim, Ricoeur conclui que o encontro entre a humanidade e o divino realiza-se na arte da palavra, reinterpretada no imaginário criativo proporcionado pelo texto. Como ele escreve: “A realidade é assim metamorfoseada por meio daquilo a que chamei as ‘variações imaginativas’ que a literatura opera sobre o real” (1986, p. 63). Nesse movimento, a linguagem poética se configura como um instrumento poderoso para traduzir e expandir os horizontes da experiência religiosa. Ela cria um espaço de diálogo contínuo entre o finito e o infinito, permitindo que o ser humano, seja crente ou não, busque as razões mais profundas de sua existência e descubra “a maravilhosa unidade escondida no labirinto da aparência” (2005b, p. 88).

A teoria da metáfora em Paul Ricoeur

Ao elaborar uma teoria da metáfora voltada para a ampliação das possibilidades interpretativas de textos poéticos e literários, Paul Ricoeur insere sua reflexão no campo da linguagem religiosa, com especial atenção à narrativa bíblica (Almeida, 2023, p. 241). Sua abordagem redefine a metáfora, afastando-a da concepção tradicional de mero ornamento linguístico ou simples substituição de palavras, para compreendê-la como um evento semântico que inaugura novos sentidos. Em *“A Metáfora Viva”* (2005a), Ricoeur destaca que a metáfora manifesta o potencial criativo da linguagem ao provocar uma “explosão semântica”, ou seja, uma reconfiguração do significado que amplia a compreensão da realidade. Esse dinamismo metafórico não apenas transforma a interpretação do texto, mas também possibilita ao sujeito reinterpretar sua própria existência ao interagir com os signos que estruturam sua experiência no mundo (Ricoeur, 2005b, p. 74-75).

A metáfora, nesse contexto, funciona como uma forma de inovação semântica ao romper com a literalidade e abrir novos horizontes interpretativos. Ela transcende o racionalismo estrito, explorando as possibilidades ontológicas de seu poder inventivo e criando novos significados (Henriques, 2005, p. 210). Ricoeur argumenta que a metáfora viva ilumina dimensões inéditas da realidade, indo além da análise estrutural ao reafirmar a capacidade da linguagem de produzir sentido (Grampa, 2005, p. 30).

Para Ricoeur, a metáfora viva se relaciona com a arte de compor intrigas, vista como “duas janelas abertas sobre o enigma da criatividade” (Ricoeur, 1983, p. 32). Essa capacidade de compor intrigas implica extrair o inteligível do acidental, o universal do singular e o necessário do verossímil. Tal perspectiva reflete o poder da imaginação linguística em gerar novas significações por meio da metaforização, revelando significados que não podem ser alcançados pela linguagem literal.

Ricoeur destaca que a metáfora exige a tensão entre sentido, o que é dito, e referência, aquilo sobre o que se fala. Essa polaridade permite que a linguagem transcenda sua própria estrutura, revelando dimensões ocultas da realidade e do ser. Diferentemente de abordagens que tratam a metáfora como um fenômeno de denominação, Ricoeur a situa no nível do discurso, associando-a à frase como unidade linguística. Influenciado por Émile Benveniste e Gottlob Frege, Ricoeur adota a frase como o espaço onde a linguagem articula tanto sentido quanto referência, estabelecendo uma mediação entre o sujeito falante e a realidade.

Essa abordagem destaca a metáfora como um ato de predicação, não apenas de substituição. Para Ricoeur, apenas os enunciados podem ser verdadeiramente metafóricos, pois são capazes de instaurar uma abertura interpretativa que ultrapassa os limites da linguagem literal (Valldecabres, 2005, p. 113). Essa visão transgressora rompe com a clausura estruturalista da linguagem, abrindo-se à criatividade e à experiência do mundo.

No núcleo da teoria de Ricoeur, a linguagem não é apenas um sistema de signos, mas um meio de expressão e experiência. Ele propõe uma “ontologia do discurso”, na qual o ato de falar não apenas comunica, mas revela algo essencial sobre a existência. O sujeito falante se manifesta no ato performativo da linguagem, em um movimento

que transcende a referência direta e celebra a abertura da linguagem ao mistério do ser (Ricoeur, 2011, p. 37-38).

Ricoeur também recorre à ideia de uma “linguagem em festa” para descrever a potência criativa da linguagem poética. Nessa concepção, a poesia responde às aporias da linguagem literal ao proporcionar uma abertura ao mistério da existência. A metáfora viva intensifica essa capacidade de redescrever a realidade, transformando o fechamento em uma abertura criativa. Para Ricoeur, a linguagem poética é o ápice do potencial metafórico, revelando aspectos inéditos e celebrando sua própria capacidade de transcender a literalidade (Ricoeur, 1986, p. 27).

Ao unir a metáfora viva, a frase como unidade discursiva e a dimensão ontológica da linguagem, Ricoeur apresenta uma visão abrangente da linguagem como espaço de mediação, criação e abertura ao mundo. Ele propõe que o dizer humano não apenas reflete a realidade, mas a transforma, revelando dimensões ocultas do ser e da existência. Nesse panorama, a metáfora não é apenas uma figura de estilo, mas um ato poético-filosófico que convida à redescoberta da realidade no excesso de sentido da linguagem.

O conceito de “excesso de sentido”

Para Ricoeur, a ideia de “excesso de sentido” está intrinsecamente ligada à capacidade da metáfora de transcender o significado ordinário e literal. Ao fazê-lo, a metáfora abre um vasto campo semântico, expandindo os limites da linguagem cotidiana e possibilitando a coexistência de múltiplos significados. Esse fenômeno reflete a riqueza interpretativa da metáfora, que não se esgota em uma única explicação ou análise. O excesso de sentido emerge, portanto, como uma abertura interpretativa própria da metáfora viva.

Nas palavras de Ricoeur: “O dizer da metáfora é, ao mesmo tempo, um dizer a mais: o excesso de sentido que a linguagem ordinária não pode conter. É esse dizer a mais que desvela o mistério do ser por meio do discurso poético” (Ricoeur, 2005a, p. 113). Esse “dizer a mais” ressalta o poder da metáfora de revelar dimensões ocultas da realidade e da existência, que permanecem inacessíveis à linguagem literal.

A metáfora viva opera, segundo Ricoeur, em uma polaridade entre “sentido” e “referência”. O “sentido” corresponde ao conteúdo comunicado pela metáfora, enquanto a “referência” aponta para a realidade que ela redescreve. O excesso de sentido, no entanto, transcende essa relação binária, ampliando os horizontes interpretativos e permitindo que significados diversos coexistam simultaneamente. Como observa Ricoeur, a linguagem “está em festa”, celebrando-se ao exceder o sentido literal: “É o momento em que o jogo do som e do sentido inaugura novas possibilidades de expressão e compreensão” (Ricoeur, 2005a, p. 237).

Esse conceito também possui uma dimensão ontológica. Ao reconfigurar a realidade, a metáfora viva não apenas expande a linguagem, mas também desvela aspectos do ser que estavam ocultos ou inexpressáveis de forma direta. Dessa maneira, o excesso de sentido vai além de um fenômeno linguístico; é uma manifestação pela qual o ser

se revela e se dá a conhecer, inaugurando novas formas de entendimento da realidade e da existência (Ricoeur, 2005a, p. 211-213).

A metáfora como geradora de novas interpretações

Para Ricoeur, a linguagem metafórica fundamenta-se em uma lógica de superabundância, capaz de transcender os limites do literal e tocar realidades mais profundas e complexas. Essa lógica reflete a capacidade da metáfora de criar novos campos semânticos, expandindo as possibilidades interpretativas e abrindo espaço para múltiplos significados relacionados ao ser e à sua manifestação. Em sua dimensão poética, fenomenológica e religiosa, a metáfora revela o mistério do ser humano ao ir além da linguagem comum.

Nesse sentido, a metáfora atua como um *organon*, ou seja, um instrumento que conduz a linguagem a ultrapassar seus limites habituais. Na linguagem religiosa, essa característica permite que expressões transcendentais ganhem nova vitalidade e profundidade, explorando o inaudito por meio de hipérboles, paradoxos e imagens criativas. Como destaca Ricoeur: “É pelo poder de redescrever a experiência humana que a linguagem religiosa se vê implicada pelas experiências-limite” (2010, p. 236).

A metáfora também está profundamente vinculada às experiências-limite, conceito que envolve questões existenciais como o sofrimento, a finitude e a criatividade, influenciado por autores como Karl Jaspers, Karl Barth e Kierkegaard (Ricoeur, 2010, p. 234-235). Ao redescrever essas experiências extremas, a metáfora se torna uma ferramenta que transcende o discurso literal, permitindo ao ser humano abordar o impensável e articular o sofrimento e a esperança de maneira que toque o mistério do divino.

Apoiando-se em sua capacidade criativa (*poièsis*), a metáfora viva é mais do que uma figura de linguagem; ela inaugura novos mundos de significado e amplia o campo semântico. Ao transformar a experiência de quem a recebe, ela propõe uma nova perspectiva fenomenológica da realidade e do sagrado. Como observa Ricoeur, a metáfora provoca uma “explosão semântica”, revelando camadas inéditas de significado e redescrevendo continuamente a realidade (Ricoeur, 2008, p. 66-72).

Assim, a metáfora não apenas descreve, mas inova e cria. Ao transgredir o literal, ela conduz o ser humano a dimensões mais profundas de compreensão, reinterpretando a experiência humana à luz do transcendente. Como linguagem em evolução, a metáfora oferece uma abertura constante para o desconhecido, articulando o sofrimento, a esperança e o sagrado de maneira criativa e transformadora.

A poética da linguagem metafórica

Para Ricoeur, a linguagem religiosa possui uma estrutura intrinsecamente poética, entendida como *poièsis*, uma ação criativa que vai além da comunicação de significados, desvelando dimensões inéditas da realidade e da verdade. A ênfase que Ricoeur coloca na dimensão poética da linguagem destaca o poder transformador dessa poética sobre o discurso religioso. Assim, surge a questão central: qual é o papel da poética na ativação da linguagem religiosa? Para o filósofo, a *poièsis* transcende a produção estética e se

configura como um mecanismo capaz de expandir o sentido, revelar novos horizontes da realidade e proporcionar uma compreensão mais profunda do mundo.

No ensaio *“Poétique et symbolique”* (1982), Ricoeur define *poièsis* como a capacidade da linguagem de propor “tratados inéditos da realidade” e revelar “aspectos inauditos do mundo” (1982, p. 54-55). Esse processo de inovação semântica ocorre quando a linguagem religiosa se abre ao símbolo e à metáfora, distinguindo-se como *organon*, ou instrumento, capaz de criar novos mundos de significado. Dessa forma, a *poièsis* não se limita a descrever a realidade, mas oferece uma nova configuração do mundo, um espaço onde o sujeito pode projetar suas próprias possibilidades de existência. Como Ricoeur observa, “a proposição de um mundo tal que se possa habitar e, por meio dele, projetar minhas possibilidades mais próprias” (Ricoeur, 2011, p. 179) emerge nesse contexto de produtividade poética.

A metáfora como forma simbólica

A metáfora, nesse horizonte, destaca-se como uma forma simbólica de expressar a realidade, proporcionando uma descrição criativa e original que aponta para a transcendência. Para Ricoeur, a metáfora não é uma simples comparação, mas um ato poético que desafia os limites da linguagem, revelando o mistério da realidade humana e divina. Nesse sentido, a linguagem religiosa, ao recorrer à metáfora, busca captar o indizível e expressar o inefável, em sua arte de tecer intriga.

Essa dinâmica reflete uma extensão da poética na narrativa, como uma forma de inovação semântica caracterizada pelo processo metafórico (Ricoeur, 1982, p. 56). Isso significa que, na narrativa, sempre há um simbolismo, o que destaca a importância do conceito de intriga. A intriga funciona como equivalente narrativo da inovação semântica, permitindo que o indizível se deixe dizer no dizível, o invisível se manifeste no que é visível, e o sagrado se revele no profano. É essa nova pertinência predicativa que caracteriza a metáfora como inovação semântica (Ricoeur, 1982, p. 57-58).

Nas palavras de Ricoeur: “A intriga, ela também, consiste em reunir os ingredientes da ação humana que, na experiência comum, permanecem heterogêneos e discordantes” (1982, p. 57-58). Esse movimento unifica elementos dispersos, criando uma coerência narrativa que ilumina novos sentidos na experiência humana e na transcendência.

O texto religioso como espaço de reinterpretação

Falar de Deus ou do sagrado, entendido como objeto fenomenológico, exige um deslocamento da linguagem comum para uma esfera mais profunda de textualidade, ancorada na *poièsis*. Como observa Adna Cândido de Paula, “pensar o sagrado em termos literários é compreendê-lo configurado como tal no mundo possível da literatura, da ficção, em última instância” (2012, p. 148). Assim, a linguagem religiosa requer um afastamento da interpretação literal, abrindo-se à possibilidade de releituras contínuas que permitam novas compreensões dos textos sagrados.

Nesse contexto, a Bíblia pode ser vista como uma grande obra poética, que convoca o leitor a um diálogo permanente entre fé e razão, renovando ambas. Esse processo encontra respaldo na fenomenologia da religião, que entende os textos religiosos como

manifestações do sagrado, e estabelece um vínculo direto com a hermenêutica de Ricoeur. Sua abordagem simbólica se torna, assim, um instrumento essencial para interpretar essas narrativas, favorecendo uma compreensão mais ampla e dinâmica do divino.

Para Ricoeur, a linguagem poética não apenas descreve a realidade, mas a transforma, permitindo novas formas de perceber o mundo e a existência. Esse movimento culmina em uma “poética da fé”, na qual os textos bíblicos não apenas refiguram a realidade, mas também a experiência humana. A fé, portanto, vai além de um simples assentimento lógico ou dogmático, tornando-se um espaço de transformação semântica, no qual a metáfora desempenha um papel central na ressignificação da existência.

No ensaio “Poética, Semiótica, Retórica” (1996), ao dialogar com Mikel Dufrenne, Ricoeur enfatiza que a poesia não se reduz à subjetividade ou à emocionalidade. Pelo contrário, seu núcleo está na capacidade expressiva que conecta a natureza das coisas ao sentido poético. Para ele, a poesia “dá voz ao mundo”, sendo um ato em que a expressividade antecede e fundamenta a significação (1996, p. 249-258).

Nesse horizonte, a confissão de fé está intimamente relacionada à expressividade dos discursos bíblicos. A multiplicidade de vozes presentes nesses textos forma uma verdadeira sinfonia linguística, na qual a fé se manifesta como proclamação viva. Convencido de que os enunciados provenientes da tradição comunitária de fé exigem contínuas interpretações ao longo da história e em diferentes contextos culturais, Ricoeur sustenta que sua legitimidade deve ser constantemente reafirmada (Xavier, 2022, p. 41). Para ele, a linguagem da fé se insere plenamente no universo do simbólico, pois este não representa uma limitação da linguagem, mas uma forma autêntica e legítima de expressão, adequada à realidade que pretende comunicar (Ricoeur, 1964, p. 27).

Adna Cândido também enfatiza a necessidade de abordar o sagrado sob múltiplas perspectivas – das ciências da religião, da teologia e da literatura. O sagrado, presente nas narrativas bíblicas, parábolas, salmos e relatos antropológicos, é essencialmente textual (2012, p. 149). Compreender as especificidades das linguagens que o estruturam e do processo hermenêutico que o interpreta é indispensável. Ignorar essas dimensões significaria desconsiderar a riqueza da textualidade do sagrado e sua abertura à pluralidade de significados.

A poética da fé e a construção de sentido

A linguagem religiosa, fundamentada na metáfora e no símbolo, torna-se um meio essencial para a construção de sentido. Ela expressa a fé de maneira inovadora e transformadora, tocando as dimensões mais profundas da experiência humana e divina. Ricoeur descreve a leitura dos textos religiosos como um processo de “maximização do sentido”, no qual cada metáfora ou símbolo ultrapassa o que está diretamente expresso, revelando a profundidade ontológica do referente.

Assim, a *poièsis* na linguagem religiosa não apenas ilumina a natureza da linguagem, mas também revela sua capacidade de transformar a compreensão humana e divina, abrindo novos horizontes de sentido. A reflexão de Ricoeur sobre a poética da

fé posiciona a metáfora como um veículo privilegiado para essa transformação, configurando a linguagem religiosa como um discurso sempre renovado e aberto ao mistério.

Como a poética da metáfora amplia a compreensão do sagrado

A ampliação do sagrado, no contexto da reflexão de Ricoeur sobre a poética da linguagem religiosa, aponta para a ideia de que o sagrado não se limita a uma esfera transcendental ou a uma experiência religiosa isolada. Ele se desvela e se expande por meio da linguagem poética e metafórica. A linguagem religiosa, vista através da ótica da *poièsis*, oferece uma ponte entre o humano e o divino, entre o visível e o invisível, criando novas formas de percepção e de experiência do sagrado. Esse movimento pode ser entendido como um processo contínuo de abertura, onde a metáfora e o simbolismo não apenas comunicam uma ideia abstrata sobre Deus, mas possibilitam que o Mistério do Inefável irrompa no mundo cotidiano, no humano, no mundano e no profano. Nesse sentido, como diz Ricoeur: “A linguagem religiosa é sensata, possui um sentido, ao menos para a comunidade de fé, quando a usa para compreender a si mesma ou para fazer-se compreender por um auditório estranho” (Ricoeur, 2008, p. 51).

Ao afirmar que a linguagem religiosa é poética, Ricoeur sublinha que ela não se limita a uma comunicação racional e objetiva, mas possui um caráter simbólico e metafórico que amplia as possibilidades de percepção do sagrado. Assim, a linguagem religiosa não é apenas comunicativa, mas também criativa, propondo novos mundos e desvelando dimensões do sagrado que transcendem a literalidade. Para Ricoeur, a especificidade da poética na linguagem religiosa reside em sua capacidade de mediar o Absoluto que se revela. Essa dinâmica, enraizada nos textos bíblicos, posiciona a poesia como um instrumento que redescreve a realidade e inaugura novos sentidos, criando uma interseção entre a filosofia e a fé bíblica (Thomasset, 2011, p. 105).

Apoiando-se na ideia de *poièsis*, entende-se que a linguagem religiosa opera por meio de uma criatividade narrativa que transcende a referência literal e se abre a um horizonte interpretativo mais profundo. Nesse sentido, ela não apenas comunica, mas inaugura novos sentidos, revelando “aspectos inauditos do mundo” (Ricoeur, 1982, p. 39) e “tratados inéditos da realidade” (Ricoeur, 1982, p. 39). A função poética, assim, torna-se um *organon* da linguagem religiosa, articulando uma dialética entre o sagrado e o profano, entre o manifesto e o oculto. Nesse processo, a metáfora desempenha um papel central, rompendo os limites da literalidade e conduzindo o discurso religioso a um nível de transcendência que permite dizer Deus e o sagrado, mesmo em meio às limitações da linguagem humana.

A metáfora, especialmente, alarga o campo da experiência religiosa, permitindo que o divino, muitas vezes paradoxal, seja expresso de maneira que a razão sozinha não seria capaz de captar. Por meio da metáfora, o sagrado se torna acessível ao humano, permanecendo, ao mesmo tempo, além do alcance da compreensão total, conservando sua transcendência. Como Ricoeur coloca: “A linguagem religiosa acrescenta aos traços comuns do poema a circulação de um arqui-referente – Deus” (Ricoeur, 1996, p. 201). Isso significa que, ao se referir a Deus, ou ao sagrado, a linguagem religiosa não

apenas comunica uma verdade fixa, mas a expande continuamente, fornecendo uma multiplicidade de significados que transcendem o literal e tocam diferentes dimensões da realidade humana e divina.

Esse movimento de ampliação do sagrado ocorre na capacidade da linguagem religiosa de abrir novas perspectivas, lançando o fiel em uma busca contínua pela compreensão do Mistério que se revela e se oculta simultaneamente. Cada leitura das Escrituras, cada ato de fé, oferece uma nova possibilidade de experiência do sagrado, que se aprofunda à medida que o crente se depara com as camadas de significados dos textos sagrados. O Deus das Escrituras não é apenas imutável e distante; Ele se revela na história, no cotidiano, em um movimento dinâmico de descoberta e compreensão que ultrapassa o tempo.

Além disso, a linguagem poética e metafórica redefine as fronteiras do sagrado, abrindo espaço para que o divino se manifeste em diferentes esferas da vida humana. O sagrado não se limita ao rito religioso, mas invade o cotidiano, oferecendo uma nova perspectiva sobre o mundo e a existência. Assim, a experiência do sagrado deixa de ser algo distante ou reservado a espaços específicos e se torna um processo dinâmico de transformação, que se manifesta em cada momento da vida.

Essa ampliação do sagrado também possui uma dimensão social e comunitária. A linguagem religiosa, ao se apresentar como uma poética, não é um discurso individual isolado, mas está enraizada em uma tradição compartilhada pela comunidade de fé. Desse modo, a ampliação do sagrado ocorre também na medida em que a linguagem religiosa se torna um instrumento de comunhão e solidariedade, vinculando pessoas ao redor de uma experiência comum do transcendente.

Portanto, a ampliação do sagrado, à luz da poética da linguagem religiosa, implica uma constante abertura à transcendência, um movimento que vai além da simples explicação racional. A linguagem religiosa se apresenta não apenas como meio de comunicação sobre Deus, mas como uma forma de expandir a percepção do divino, ampliando o sagrado no mundo e nas relações humanas. Como Ricoeur destaca, a fenomenologia da religião envolve uma atitude de escuta ao fenômeno religioso, à forma como a experiência do mistério se dá no mundo e como ela se expressa por meio de símbolos, mitos, rituais e textos sagrados. Para ele, “uma fenomenologia da religião deve enfrentar: à mediação linguística se acrescenta uma mediação cultural e histórica da qual aquela é simples projeção” (Ricoeur, 1996, p. 168).

Sendo assim, fica-nos claro que o sagrado é uma realidade dinâmica experimentada pelo ser humano que se desdobra ao longo da história e das culturas, revelando-se nas múltiplas mediações humanas. Por esta razão, para Ricoeur, “falar da mediação linguística já é fazer aparecer as grandes arquiteturas de fala e de escrita que estruturam a memória de acontecimentos de falas, de personalidades, igualmente dotados de um valor fundador” (1996, p. 168). Desta feita, a ampliação do sagrado exige um olhar atento às diversas formas como o mistério se manifesta, reconhecendo a linguagem religiosa, com sua riqueza simbólica e poética, é ao mesmo tempo fruto e vínculo desta mediação.

Ricoeur critica de maneira consistente uma fé religiosa e uma teologia que, de forma precipitada, tenta oferecer respostas prontas a questões que permanecem abertas no âmbito do saber científico ou filosófico. Segundo o filósofo, essa abordagem resulta em

uma compreensão equivocada da ideia religiosa de resposta, seja pela postura arrogante e triunfalista, seja pela atitude aparentemente modesta, mas, na verdade, limitada, de uma fé que serve apenas como “tapa-buraco” para lacunas do conhecimento humano: “essa maneira de entender a ideia religiosa de resposta, seja em sua postura arrogante e triunfalista, seja na postura, aparentemente modesta, até mesmo envergonhada, de uma fé tapa-buraco [...]” (Ricoeur, 1996, p. 167, grifo nosso).

Para Ricoeur, a questão religiosa não se reduz ao esquema de pergunta e resposta, mas se configura como uma dinâmica de chamado e resposta. Nesse sentido, ele afirma: “a resposta religiosa é obediente, no sentido forte de uma escuta na qual é reconhecida, admitida, confessada a superioridade, entendamos a posição de Altura do chamado” (Ricoeur, 1996, p. 167). Assim, o fenômeno religioso, compreendido em sua universalidade histórica e geográfica, torna-se acessível ao ser humano sem abdicar de sua transcendência, permitindo uma relação viva, profunda e sempre renovada com o divino no horizonte da existência humana.

Nesse contexto, a metáfora encontra sua conexão com a ideia de chamado e resposta porque ambas envolvem um movimento dialógico e dinâmico. A metáfora não responde de forma definitiva, mas aponta para a Altura do chamado, abrindo novas possibilidades de compreensão e experiência do sagrado. Ela traduz, de modo simbólico, a Altura do chamado divino que não se impõe como uma solução imediata, mas interpela o ser humano a partir de uma superioridade que se revela na linguagem simbólica, no mistério e na poesia. Assim, a metáfora é a própria linguagem do chamado, permitindo que o divino se comunique sem perder sua transcendência e criando um espaço para que o humano responda em escuta obediente, reinterpretando continuamente o sagrado no horizonte de sua existência.

A importância da metáfora na teologia e nas ciências da religião

Na teologia e nas ciências da religião, a metáfora oferece uma via singular para refletir sobre o mistério divino, preservando sua profundidade sem reduzi-lo a conceitos limitados. Conforme Ricoeur, essas disciplinas devem reconhecer a riqueza da metáfora como um recurso capaz de abarcar as múltiplas dimensões da experiência religiosa. Longe de reduzir o sagrado a um objeto estático, a metáfora o revela em sua dinâmica, complexidade e profundidade, funcionando como uma linguagem vivencial que expressa a essência da fé.

A metáfora distingue a linguagem religiosa da linguagem comum ao revelar um “algo mais” sobre a realidade. Para Ricoeur: “Quaisquer que sejam as características de uma eventual experiência religiosa, esta se articula em uma linguagem. A maneira mais adequada de interpretar essa linguagem, segundo sua natureza interna, consiste em uma análise de seus modos de expressão” (2008, p. 51). Nesse sentido, ela desempenha um papel decisivo na formação da cosmovisão religiosa. Ao articular o sagrado, as religiões constroem estruturas de sentido que orientam e moldam a vida dos fiéis. Ao estudar essas metáforas, as ciências da religião revelam como as tradições religiosas são formadas e continuamente transformadas.

Mais do que isso, a metáfora permite que o sagrado se manifeste como uma realidade viva, acessível pela mediação da linguagem. Essa perspectiva é central na hermenêutica religiosa, que, segundo Ricoeur, possibilita interpretações criativas de textos e práticas sagradas. A metáfora não apenas amplia os horizontes de sentido, mas também opera como um dispositivo semântico que ressignifica a experiência do sagrado, preservando seu mistério e permitindo sua contínua reformulação diante das transformações culturais e históricas. Ela nos remete ao horizonte da jurisdição das possibilidades, onde a pluralidade de significações se desdobra sem se esgotar em uma única determinação (Xavier, 2020, 212).

Além disso, a metáfora é essencial para lidar com os paradoxos da experiência religiosa. O sagrado, frequentemente descrito como simultaneamente imenso e íntimo, transcendente e imanente, encontra na metáfora uma forma de expressar sua complexidade. Ricoeur destaca que a metáfora tem a capacidade de “tecer intrigas”, ampliando o imaginário individual e coletivo (2005a, p. 495). Em A “Metáfora Viva”, ele enfatiza que o poder da imaginação linguística faz emergir novas significações, transcendendo os limites da referência direta para revelar significados ocultos (Henriques, 2005, p. 210).

A metáfora viva, ao se unir à “arte de tecer intrigas”, constitui-se como “duas janelas abertas sobre o enigma da criatividade” (Ricoeur, 1986, p. 32). Por meio de uma lógica paradoxal, ela ilumina o surgimento do inteligível no acidental, do universal no singular e do necessário no episódico (Ricoeur, 1986, p. 32). No campo religioso, essa dinâmica enriquece a experiência do sagrado, tornando-a mais densa e multifacetada. Em síntese, à luz do pensamento de Ricoeur, a metáfora desempenha um papel fundamental nas ciências da religião, pois não apenas expressa o sagrado, mas também possibilita a criação de novos sentidos, estrutura a experiência religiosa e promove uma hermenêutica aberta e criativa. Por meio da metáfora, o inefável torna-se acessível sem se reduzir a meras definições conceituais, preservando seu mistério e profundidade. Nesse processo, a metáfora se revela indispensável tanto para a investigação acadêmica quanto para a vivência da religião, uma vez que o ser humano está em constante movimento interpretativo; ao decifrar a si mesmo, ele decifra o mundo e, nesse percurso, explora e ressignifica a sacralidade que o envolve (Xavier, 2022, p. 181).

Considerações finais

Conclui-se, com base que no pensamento de Paul Ricoeur, o traço distintivo da linguagem religiosa é sua capacidade de captar a irrupção do extraordinário no ordinário, uma característica central de seus estudos. O filósofo reconhece na linguagem religiosa não algo incomum ou marginal, mas um discurso rico em significados, carregado de uma referência que busca a verdade e a realidade em sua plenitude.

Nesse sentido, Ricoeur identifica como problema central de sua hermenêutica filosófica o desafio de ir além da mera significação do discurso religioso, extraindo dele novas dimensões de realidade e verdade. Um elemento fundamental dessa abordagem é a metáfora, que, para ele, transcende sua função como figura de linguagem, revelando-se uma poderosa ferramenta para comunicar o mistério divino. Diferente da linguagem

literal, a metáfora expande sentidos e abre novas possibilidades de compreensão, permitindo refletir sobre o sagrado e o inefável sem reduzir sua profundidade e complexidade.

A metáfora, ao transformar e ampliar a experiência religiosa, oferece uma poética do sagrado, criando estruturas de sentido que moldam a vivência do transcendente. Ela permite que o sagrado se manifeste não como um conceito abstrato, mas como uma realidade viva e transformadora, acessível à experiência humana. Assim, o estudo da metáfora nas ciências da religião revela como ela é tanto formada quanto formadora das tradições religiosas. Ao facilitar uma leitura criativa e contínua das escrituras sagradas, a metáfora abre espaço para interpretações que evoluem ao longo do tempo e em diferentes contextos, preservando a vitalidade e a atualidade do discurso religioso.

Portanto, a função poética da metáfora na linguagem religiosa é essencial para comunicar o inefável e o transcendente de maneira acessível e dinâmica, sem aprisionar o mistério divino em categorias rígidas ou limitadas. Nesse horizonte, a metáfora não apenas descreve, mas transforma e enriquece a compreensão da experiência religiosa, permitindo que ela se renove continuamente e revele novas dimensões do ser.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Frederico Soares. *O homem capaz e a antropologia filosófica de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 2023.

GRAMPA, Giuseppe. Dire Dio: poetica e linguaggio religioso in Paul Ricoeur. In: RICOEUR, Paul. JÜNGEL, Eberhard. *Dire Dio*. Per un'ermeneutica del linguaggio religioso. Brescia: Queriniana, 2005, p. 7-40.

HENRIQUES, Fernanda. *Filosofia e Literatura*. Um percurso hermenêutico com Paul Ricoeur. Porto: Biblioteca de Filosofia, 2005.

PAULA, Adna Candido. Ciência da Religião e teoria literaria: Por uma aproximação fenomenológica do sagrado. In: *Revista IPOTESI*, Juiz de Fora. V. 16, p. 141-151. Jul./dez, 2012.

RICOEUR, Paul. La langage de la foi. In: *Bulletin du Centre Protestant d'études*, nº 4/5, Paris, 1964.

RICOEUR, Paul. «Poétique et symbolique», in B., LAURET, F., REFOULÉ, *Initiation à la pratique de la théologie. Tome I. Introduction*, Paris: Éditions du Cerf, 1982, p. 36-63.

RICOEUR, Paul. *Do texto à Ação*. Porto: Rés Editora, 1986.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. L'intrigue et le récit historique. Paris: Essai, 1983.

RICOEUR, Paul. *Leituras 3. Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.

RICOEUR, Paul. *L'herméneutique biblique*, Paris: Éditions Cerf, 2001.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2005a.

RICOEUR, Paul. JÜNGEL, Eberhard. *Dire Dio*. Per un' ermeneutica del linguaggio religiosa. Brescia: Editrice Queriniana, 2005b.

RICOEUR, Paul. *Fe y filosofía*. Problemas del lenguaje religioso. Buenos Aires: Prometeo, 2008.

RICOEUR, Paul. *Escritos e Conferências 1*. Hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2010.

RICOEUR, Paul. *Escritos e Conferências 2*. Hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2011.

THOMASSET, Alain. “La poétique biblique comme meta-étique théologique”. In: J. VERGEYDEN, T. L. HETTEMA, P. VANDECASTEELLE. Paul Ricoeur. *Poetics and Religion*, Paris: Éditions Peertes, 2011, p. 102-126.

VALLDECABRES, D. VELA. *Del simbolismo a la hermenêutica*. Paul Ricoeur (1950-1985). Madrid: Trotta, 2005.

XAVIER, Donizete José. O desafio da prática da fé no mundo urbano à luz do pensamento de Paul Ricoeur. In: *Revista Pistis & Praxis. Teologia e Pastoral*. Curitiba, v. 14. n. 1, p. 17-198, jan./abr. 2022.

XAVIER, Donizete José. A linguagem da fé na perspectiva de Paul Ricoeur. In: *Revista Estudos de Religião*, v. 36. 1, p. 29-54, jan-abr. 2022.

XAVIER, Donizete José. O testemunho como linguagem do indizível. Um objeto inobjeto e sua jurisdição de possibilidades a partir da fenomenologia de Jean-Luc Marion. In: *Revista Teoliterária*, v. 10. N. 21, 2020, p. 206-229.

Recebido em: 16/12/2024

Aprovado em: 05/02/2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Eulálio Avelino Pereira Figueira.